

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS



DENISE PEREIRA  
JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO  
(ORGANIZADORAS)

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS



DENISE PEREIRA  
JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO  
(ORGANIZADORAS)

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina



Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S115 Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas  
ciências humanas 1 [recurso eletrônico] /  
Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do  
Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-304-0

DOI 10.22533/at.ed.040201908

1. Antropologia. 2. Ciências humanas. 3. Etnologia. I.  
Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula do.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Uma tradição, normalmente, pode ser definido como aquilo que se faz por hábito, um legado passado de uma geração para outra. Embora o historiador Hobsbawm tenha chamado atenção em uma obra bastante reconhecida entre historiadores de que as tradições, de maneira geral consistem em retomar “passado histórico apropriado”, em que o senso de continuidade ocupa um valor e uma necessidade centrais, e que, para isso, muitas vezes os diferentes grupos se constituem em torno de falsas noções de continuidade, ou seja, as tradições, podem, muitas vezes serem inventadas, a expressão saberes tradicionais traz consigo um elemento mais amplo do que a noção de continuidade a que nos referíamos acima.

Usualmente, a ideia de saber tradicional é usada para marcar um conjunto de noções e práticas que permeiam as sociedades e grupos e são ligadas, por exemplo, ao reconhecimento de propriedades de plantas, consensos e práticas sociais comuns, valores norteadores que parecem pertencer a uma realidade atemporal, ou seja, estiveram sempre presentes e são reconhecidas por um grande número de pessoas sem ter passado pelo espaço de “validação científica”, que nesse caso, significaria o crivo do método usado pela ciência para chegar em suas conclusões. Isso não significa, que, nos dias atuais não se possa falar de uma espécie de «terreno comum» em que se estabelece um diálogo, uma espécie de entendimento entre as esferas do conhecimento tradicional e do conhecimento contemporâneo, técnico e científico.

Essa troca existe, e é bastante presente, ainda que, nem sempre, essas esferas sejam consideradas de maneira equivalente, uma vez que a “ciência” acaba prevalecendo. Em ciências humanas, nos últimos anos, esse debate se fez cada vez mais presente, dado que o registro, o resgate e o entendimento desses saberes tradicionais sempre esteve na pauta, de uma maneira ou de outra, de seu campo de pesquisa. Nesse caso, o sentido de incompatibilidade não se faz tão presente como em outras tradições científicas. Ainda assim, tem se construído cada vez mais o entendimento de que esse resgate e a ideia de que os saberes tradicionais devam ser pesquisados e referidos, junto com eles chama-se a atenção para que os valores de justiça social, participação popular e sustentabilidade estejam sempre presentes e cada vez mais na pauta do processo de construção dos saberes. Assim, para além de base e fonte, se entende, nas ciências humanas, que há que se dar voz ao saber tradicional, e que o diálogo deste com o conhecimento científico constitui-se enquanto riqueza e multidimensionalidade do mesmo.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira

Janaína de Paula do E. Santo

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A MOBILIZAÇÃO DE PAIS E RESPONSÁVEIS PARA PARTICIPAÇÃO EFETIVA NOS CONSELHOS ESCOLARES	
Débora Paula Martins da Silva Lenise Patricia de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019081</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>7</b>
A PSICOPEDAGOGIA E A NEUROPSICOPEDAGOGIA NA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DA APRENDIZAGEM COMO FERRAMENTA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
Nivaldo Emídio Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019082</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>16</b>
BEM-ESTAR E MAL-ESTAR DOCENTE: UMA ANÁLISE DAS PESQUISAS PUBLICADAS ENTRE 2015 E 2018	
Karolina da Silva Riquelme Flavinês Rebolo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019083</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>27</b>
EDITH STEIN: UMA ANTROPOLOGIA INTEGRAL COMO FUNDAMENTO PEDAGÓGICO	
Vitor Vinícios da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019084</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>36</b>
ESCREVENDO A DANÇA: MEMÓRIA, ARTE, ENSINO E CIÊNCIA	
Ana Lígia Trindade Patrícia Kayser Vargas Mangan	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019085</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>42</b>
FILOSOFIA: QUEM É A MULHER NESSE CONTEXTO?	
Brasilina Bento da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019086</b>	

<b>CAPÍTULO 7.....</b>	<b>53</b>
FORMAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS: O QUE PENSAM OS FUTUROS PROFESSORES?	
Janaina de Azevedo Corenza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019087</b>	
<b>CAPÍTULO 8.....</b>	<b>65</b>
LEITURA NA ESCOLA: UM ESTUDO COMPARATIVO	
Rosely Ribeiro Lima	
Valéria Ribeiro Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019088</b>	
<b>CAPÍTULO 9.....</b>	<b>74</b>
MUSEU E ESCOLA, CONSTRUÇÃO COLETIVA PARA A PERMANÊNCIA DA MEMÓRIA, COM ÊNFASE NA FUNÇÃO DO OBJETO MUSEAL	
Maria Augusta de Castilho	
Maria Christina de Lima Félix Santos	
Melly Fátima Góes Sena	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019089</b>	
<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>85</b>
O CONCEITO DE IMAGINAÇÃO EM VIGOTSKI	
Thais de Sá Gomes Novaes	
Letícia Maria Montoia Gonçalves	
Letícia Busquim Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04020190810</b>	
<b>CAPÍTULO 11.....</b>	<b>91</b>
PEDAGOGIAS QUE CURAM COM OS/AS PESCADORES/AS ARTESANAIS DE ITAPISSUMA	
Talita Maria Soares da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04020190811</b>	
<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>102</b>
POLÍTICAS EDUCACIONAIS E OS PRESSUPOSTOS DE STEPHEN BALL	
Taiani Vicentini	
Adolfo Ramos Lamar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04020190812</b>	

<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>110</b>
<b>VOZES EM DISPUTA: EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E PARTICIPAÇÃO</b>	
Suelen Alves dos Santos	
Leônidas Daniel Paulino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04020190813</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS.....</b>	<b>122</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>123</b>

# CAPÍTULO 9

## MUSEU E ESCOLA, CONSTRUÇÃO COLETIVA PARA A PERMANÊNCIA DA MEMÓRIA, COM ÊNFASE NA FUNÇÃO DO OBJETO MUSEAL

*Data de aceite: 01/08/2020*

**Maria Augusta de Castilho**

<http://lattes.cnpq.br/6046697442527505>

**Maria Christina de Lima Félix Santos**

<http://lattes.cnpq.br/3730876725659459>

**Melly Fátima Góes Sena**

<http://lattes.cnpq.br/8315489221943429>

**RESUMO:** O artigo em tela apresenta os conceitos fundamentais do termo museu, bem como a sua evolução no decorrer da história, partindo da origem do que é esse espaço cultural, e, chegando ao conceito atual preconizado pelo Estatuto dos Museus; sendo os museus instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. O artigo foi desenvolvido com base em pesquisa bibliográfica, fundamentado em diversas fontes de consultas como: livros, artigos científicos, documentos, dissertações, teses e sites, utilizando o método dedutivo indo do amplo ao particular. Propõe uma reflexão da importância dos museus, como terrenos para a preservação da memória e divulgação da história, com o entrelaçamento da educação formal - função da escola e da não-formal - desenvolvida pelos museus. Evidenciando a

relação de parceria entre os museus e escolas para a formação de público visitante dos museus e consumidores de cultura. Aborda também a educação patrimonial como ferramenta para atrair um maior número de visitantes para estas instituições. O resultado do estudo expõe ainda a análise do discurso acerca do objeto museal; pontuando ser o objeto museal um instrumento essencial nessa dialética cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Museu, Escola, Objeto museal.

### MUSEUM AND SCHOOL, COLLECTIVE CONSTRUCTION FOR THE MEMORY PERMANENCE, WITH EMPHASIS IN THE MUSEAL OBJECT FUNCTION

**ABSTRACT:** The article presents the fundamental concepts of the term museum, as well as its evolution in the course of history, starting from the origin of what is this cultural space, and, arriving at the current concept advocated by the Statute of Museums; museums are non-profit institutions that preserve, investigate, communicate, interpret and exhibit, for the purposes of preservation, study, research, education, contemplation and tourism, collections and collections of historical, artistic, scientific, technical or other value cultural, open to the public, at the service of society and its development. The article was developed based on bibliographical research, based on several sources of queries such as: books, scientific articles, documents, dissertations, theses and websites, using the deductive method going from the broad to the particular. The article proposes a reflection on the importance of museums, as land for the preservation of memory and the dissemination of history, with the intertwining of formal



education - a function of school and non-formal - developed by museums. Evidenciating the relationship of partnership between museums and schools for the training of visiting public of museums and consumers of culture. It also addresses heritage education as a tool to attract more visitors to these institutions. The result of the study also proposes the analysis of the discourse about the museum object; pointing out that the museal object is an essential instrument in this cultural dialectic.

**KEYWORDS:** Museum, School, Museum object.

## 1 | INTRODUÇÃO

O artigo apresenta um breve histórico do termo museu, desde a antiguidade até os dias atuais. Enfatizando o colecionismo, os gabinetes de curiosidades e os antiquários, como frentes para a origem dos museus. Estabelece também uma breve reflexão acerca da parceria entre museus e escolas, objetivando a construção de um público consumidor de cultura.

O estudo foi desenvolvido no método dedutivo, tendo como embasamento teórico consultas bibliográficas em livros, artigos científicos, documentos, e também observações das práticas educativas nos museus contemporâneos.

Apresenta um breve enfoque do marco legal dos museus, comentando a importância do Estatuto dos Museus (Lei nº 11.904) e do Plano Museológico, apresentado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), considerando que muitos museus desconhecem e/ou não planejam suas ações pautadas no marco legal. Nesse aspecto ressalta-se a questão da pluralidade cultural, preconizada nos parâmetros curriculares nacionais, essencial para a formação do professor e do mediador cultural.

O texto propõe uma reflexão pautada nas vozes de diversos autores, dentre os quais se destacam: Paulo Freire, Hannah Arendt e Ecléia Bosi, pontuando o papel essencial do museu, enquanto colaborador no fortalecimento do sentimento de pertença local e garantidor da permanência da história e da memória.

Destaca a função do objeto no museu, lembrando que quando um objeto passa a compor uma exposição ele se transforma; se reveste de valor cultural, que muitas vezes estava despercebido no contexto social, pois se anteriormente os objetos eram contemplados, na educação patrimonial, precisam ser interpretados. Concluindo a análise enfatizando a função do museu como fonte de referência, essencial para a interpretação da história e da sociedade.

## 2 | ORIGEM DO TERMO MUSEU, SUAS IMPLICAÇÕES HISTÓRICAS E A RELAÇÃO DESSE ESPAÇO CULTURAL COM A ESCOLA

A palavra museu teve origem na Grécia Antiga, derivada de *Mouseion*, termo que denominava o templo dedicado às musas, divindades menores do panteão grego e que eram ligadas a diferentes ramos da arte e da ciência, sendo filhas de Zeus com *Mnemosine*, deusa da memória (IPHAN, 2006). A formação dos museus é também influenciada pela relação da humanidade com a memória e a história.

Posteriormente o termo reaparece no Egito *mousein*, em Alexandria, mas para referenciar o saber enciclopédico, contemplando também além das bibliotecas, anfiteatro, observatório e o jardim botânico. Com a evolução histórica, o museu passou a referenciar

ao colecionismo, prazer em se acumular objetos e obras de arte e até mesmo a guarda de inúmeros textos para posterior edição. Com a dominação dos territórios por parte do Império Romano, a partir das conquistas por meio de guerras, a cultura dos vencidos era também apropriada pelo Império Romano, que levava ao seu espaço/localidade elementos representativos e coleções da cultura dos povos dominados, assim o colecionismo, era forma de demonstração de poder e triunfo.

Já a partir da Idade Média, a Igreja Católica apresentava-se como um dos principais colecionadores, sendo as igrejas, mosteiros e espaços religiosos verdadeiros museus, com exposições de peças valiosas, doadas pelos fiéis em resposta de fé. As coleções cresceram por ocasião das Cruzadas (tropas ocidentais enviadas à Palestina para recuperarem a liberdade de acesso dos cristãos à Jerusalém).

Com o fortalecimento dos reinados após o movimento de Reforma e Contrarreforma que diminuiu o poder da Igreja houve a ascensão do movimento museal, conhecido como gabinete de curiosidades, pois para expressar poder os reinados compravam a produção de novos artistas e montavam salas de exposição de objetos expressivos, curiosos e observáveis.

Assinala-se que os museus refletem as transformações humanas, dessa forma, seus discursos e coleções pontuam os interesses e as práticas sociais que estão acontecendo.

O primeiro museu público conhecido é o Ashmolean Museum, no ano de 1683, em Oxford, Reino Unido, que surgiu com doações de Elias Ashmole, da coleção de John Tradescant. O segundo museu público é o Museu Britânico, de 1759 e o primeiro público na França é o Louvre de 1793. No Brasil, o primeiro museu fundado foi em 1862, do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano; todos os outros museus brasileiros datam do século XX.

Considerando a evolução da história dos museus, associada às transformações humanas, ressalta-se que as coleções museais são sempre espelhos dos interesses e práticas sociais contemporâneas.

Na atualidade, houve a criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), em 2009, com a assinatura da Lei nº 11.906. A nova autarquia vinculada ao Ministério da Cultura (MinC) sucedeu o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) nos direitos, deveres e obrigações relacionados aos museus federais. Sendo o IBRAM responsável pela Política Nacional de Museus (PNM) e pela melhoria dos serviços do setor – aumento de visitação e arrecadação dos museus, fomento de políticas de aquisição e preservação de acervos e criação de ações integradas entre os museus brasileiros.

Com a sua criação o IBRAM também estimulou a Política Nacional de Museus e investiu recursos públicos na reestruturação de diversos museus brasileiros; como o Museu Histórico Nacional, Museu Castro Maya, Museu da Inconfidência, dentre outros.

Os museus brasileiros também integram o Sistema Brasileiro de Museus, que tem por objetivos estimular ações de preservação por meio da Semana Nacional de Museus, da Primavera de Museus e do Dia Nacional do Museólogo, atividades pontuais que colaboram para a gestão cultural e preservação do patrimônio.

No universo da cultura, o museu reafirma-se com funções as mais diversas e envolventes. Uma vontade de permanência da memória seduz as pessoas, e, as conduz à procura de registros antigos e novos, levando-as ao campo dos museus, no qual as portas

se abrem sempre mais. A museologia é hoje compartilhada como uma prática a serviço da vida. O museu é um espaço fascinante onde se descobre e se aprende e se amplia o conhecimento, aprofundando a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha.

Por meio dos museus, a vida social recupera a dimensão humana que se esvai na pressa da hora. As cidades encontram o espelho que lhes revele a face apagada no turbilhão do cotidiano. E, cada pessoa acolhida por um museu acaba por saber mais de si mesma.

A formação dos museus é bastante influenciada pela relação da humanidade com a memória e a história. Castilho e Ferreira (2012, p. 31-32) afirmam que:

O museu retém o saber que os olhos deixam de observar no cotidiano, faz com que se possa lembrar o que está adormecido nas mentes e ainda nos devolve o cotidiano de povos que não existem mais, mas foram os construtores do presente e por isso não devem ser esquecidos.

Para Hellwig (2008), os museus são especialistas na recordação da memória, que estabelece um papel importante na construção do imaginário e da identidade de uma sociedade. De acordo com o Conselho Internacional de Museus (ICOM):

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que promove pesquisas relativas aos testemunhos materiais do homem e do seu ambiente, adquire-os, conserva-os, comunica-os e expõe-os para estudo, educação e prazer (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 64).

No aporte de Noronha (2010, s/p), Museu de Arte Contemporânea firma-se no pressuposto do seu desenvolvimento:

[...] durante o século XX, concomitante ao desenvolvimento das investigações museológicas e ao estabelecimento da Museologia enquanto disciplina. Algumas consequências: a possibilidade do Museu de Arte Contemporânea ser apresentado e apresentar-se como uma instituição que se estabelece em um contexto cultural, político e econômico e que está sujeita a redefinições conforme os interesses e mudanças desse próprio contexto. Se os primeiros cento e cinquenta anos do Museu de Arte Contemporânea foram marcados por um processo de institucionalização, ou seja, de incorporação e acumulação de um conjunto de conquistas históricas, normas e valores que tendiam a gerar as condições de sua própria reprodução (Bourdieu, 1989: 100), os últimos cinquenta anos foram marcados por um processo de reflexividade, ou seja, de pôr em causa de modo radical suas próprias práticas e seus próprios instrumentos de consolidação, abrindo-se a ações que tensionam o lugar privilegiado que seu discurso ocupa no contexto político e sociocultural em que se insere.

O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) estabelece como princípios fundamentais dos museus, Estatuto dos Museus, Lei nº 11.904, em seu Art. 2º, que os museus devem buscar: a valorização da dignidade humana; a promoção da cidadania; o cumprimento da função social; a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental; a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural e o intercâmbio institucional.

Os museus adquirem, por intermédio das práticas educativas não-formais, força e visibilidade, passando a ser visto como espaço para a disseminação do conhecimento e formação. Também estabelece a legislação que os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação. Ressalta-se que o tripé, da identidade de um museu, que consiste em: ter sua coleção organizada, da mesma ser de acesso ao público e de proporcionar ações educativas, precisa existir de fato, para justificar o espaço como um museu.

As atividades basilares de um museu devem ser voltadas para a preservação, para a pesquisa e para as diversas formas de comunicação com a sociedade. Com um plano de trabalho atrelado a questão social o papel educativo não-formal dos museus garantem-se formalmente, e hoje não há a política do gabinete de curiosidades, ou seja, exclusivamente de visitas e verificação de coleções.

Muito além de casas de memória, os museus constituem em casas da vida de um país, marcam da formação de seu território. São espaços, construtos que assumem cada vez mais sua função junto ao povo, e conforme preconiza o IBRAM, são casas de conhecimento, vivência e transformação. Não se pode analisar a essência de um museu sem estabelecer uma reflexão acerca da importância da memória na preservação desses espaços culturais.

Le Goff (1996) assevera que a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permitem ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. Assim a memória se alicerça aos fundamentos da História, confundindo-se muitas e tantas vezes com o documento, com o monumento e com a oralidade.

De acordo com Todorov (2002, p. 141), “a memória é a vida do passado no presente”, ou seja, é a memória que nos permite conhecer as permanências e compreender as transformações.

Fernandes (2009) afirma que a preservação da memória cultural visa à continuidade das manifestações culturais de uma determinada comunidade e é essa a verdadeira responsável e guardiã de seus valores culturais.

Todas essas lembranças, histórias e memórias são hoje relatadas aos mais novos por meio da história oral, e quando se fala de história oral vê-se que esse é um processo de recordação construtivo e que depende da situação presente: “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir e repensar as imagens de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55). As narrativas contribuem para a composição de imagens da história passada àqueles que não viveram os fatos. Nesse enfoque, Fonseca (1997, p. 34) destaca que “o registro das histórias permite uma compreensão do modo de ser do indivíduo e do contexto social, de sua profissão, não como realmente existiu, mas como estes próprios sujeitos reconstruem suas experiências passadas”.

“A memória poderá ser conservação ou elaboração do passado [...]” (BOSI, 1994, p. 68). Refletindo a respeito da teoria de Bosi (1994), é possível crer que, por meio da memória, não importando seu caráter individual ou coletivo, é possível a uma comunidade proteger sua história, conhecendo o passado para constantemente reconstruir o presente

com base nas experiências progressas.

Analisando memória e preservação, ressaltam-se como atividades basilares de um museu: a preservação da história, a oportunidade de pesquisa e as diversas formas de comunicação com a sociedade.

A relação do museu com o visitante é um processo dialógico, pois os dois lados aprendem e ensinam, ambos se modificam e saem diferentes do que eram. Para Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia do oprimido*, destaca a necessidade de a educação problematizadora superar a contradição entre o educador e o educando: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2002, p. 68).

As ações de comunicação em museus ocorrem de múltiplas formas, e devem priorizar a pesquisa e divulgação do acesso, a realização de exposições, as atividades de educação patrimonial e os eventos culturais, aproximam o fazer museal, às mais diversas formas de expressão das artes.

Para o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2014, p. 23):

Os processos de comunicação museológica, se abertos, multidirecionados e participativos, são caminhos para o desenvolvimento da capacidade crítica e cognitiva dos indivíduos. Usando variados modos de leitura dos discursos expositivos e com uma comunicação dialógica entre os museus e a comunidade, é possível criar novos laços, incentivar a autonomia e o empoderamento. É possível também ampliar as maneiras de perceber e estar no mundo – tanto das pessoas quanto dos museus.

Para que os museus tenham uma política de formação de público, suas atividades devem ser sistematizadas em programas. Museus são espaços de memória, identidade, conhecimento e turismo, assim locais para ação educativa não-formal de visitantes locais e de turistas. Os museus podem servir ao turismo, são atrativos capazes de motivar o deslocamento de pessoas para conhecê-los. Porém, o grau de atratividade do museu depende de seu formato/expografia, acervo, facilidade de acesso, enfim oportunidade ao visitante. Uma forma de expandir o fluxo de visitantes museais é realizar um bom plano de ação, atraindo, motivando, sensibilizando os turistas, fazendo-os terem prazer ao percorrer o território museal.

Os museus podem atuar como agentes de desenvolvimento local, dinamizando a cultura e a economia locais, com ações de economia criativa, como cursos de artesanato, estimulando as potencialidades do local; gerando emprego e renda.

Quanto à função do objeto museal, ressalta-se que a partir do momento em que o objeto passa a compor uma exposição ele se transforma; se reveste de valor cultural, que muitas vezes estava despercebido no contexto social, deixando de ser um objeto somente contemplado para ser instrumento de memória, algo a ser interpretado.

Para pensar a função do objeto da perspectiva da Análise do Discurso perpassa-se pela visão de Orlandi (2014, p. 2) que segundo ela o “museu é uma instituição, e, como tenho afirmado em análise do discurso somos individuados pelo Estado, através de instituições e discursos”, sendo o museu encarregado da memória de arquivo que praticam, alimentam, normatizam os processos de significações, pensando o Museu como parte de individuação do sujeito na formação social e como práticas de significação. Para entender essas práticas

partiu-se do pressuposto dito por Pêcheux (2010) acerca do papel da memória em que a memória discursiva é constituída entre a esfera coletiva e social conforme a definição de memória do próprio Pêcheux:

A memória seria aquilo que face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os 'implícitos'(quer dizer, mais tecnicamente os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2010, p. 52).

Por isso, em um museu, um objeto que semanticamente se reconstrói está pautado nos pré-construídos, nesse acontecimento a ler, na memória discursiva, que conforme França (2016, p. 4) a memória pode ser associada como uma instância histórica que baliza a materialidade do arquivo e influencia as relações semânticas presentes no mesmo, Logo os objetos museais sofrem uma reconfiguração semântica de sentidos que é o que Ramos (2004) propõe enquanto a reconfiguração dos objetos: uma cadeira que não é somente mais uma cadeira, mas um objeto que utilizado pelo imperador x em dado momento histórico, com características referentes a tal período, etc. Logo, o objeto museal deve ser compreendido nessa teia de relações entre a memória, o tempo e a história em que ele perde seu significado utilitário e passa a ter seu significado memorialístico em que o uso não importa mais, mas a sua representação. O discurso utilitário perde lugar para o discurso histórico compreendido nas relações construídas.

### **3 | A ESCOLA COMO UM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO FORMAL E OS MUSEUS COMO ESPAÇOS EDUCATIVOS NÃO-FORMAIS**

É necessário dinamizar a articulação entre museu e educação, formulá-la e ativá-la conscientemente nas escolas e universidades. A instituição museal ainda enfrenta dificuldades em difundir sua perspectiva de “espaço pensante” que promova a pesquisa, o resgate e o repasse novas concepções de arte, cultura, história e patrimônio, inclusive o patrimônio vivo.

Destaca-se a importância de se entender o papel do museu na formação da aprendizagem, da informação e da ação interdisciplinar, sendo primordial reconhecer que existem diferenças entre cada tipo de educação em função de seus espaços culturais e físicos. É essencial reconhecer a diversidade e amplitude de atuação da sociedade e do pedagogo, em especial, daqueles que atuam em um espaço museal ou em uma escola.

Os educadores e pedagogos museais atuam de modo interdisciplinar, planejando em equipe as ações culturais, a serem desenvolvidas, objetivando conduzir o aluno-visitante a se apropriar do conteúdo do objeto ou obra exposta e da proposta do artista, inclusive oferecendo oficinas pedagógicas e momentos de contato direto com o artista, em que os alunos/escolas interpelam o autor acerca de suas obras, numa vertente sociocultural.

Os museus são importantes centros de conhecimento, espaços de memória e cultura, aspectos essenciais na construção dos saberes locais. Padilha, Café e Silva (2014, p. 71) destacam que:



No que diz respeito à cultura e às novas tecnologias, surge a necessidade de reflexão acerca de como as instituições museológicas, espaços de reflexão acerca de como as instituições museológicas, espaços de memória e cultura, desde sua formação até a atualidade, vêm contribuindo para a difusão do conhecimento contido nesse espaço físico. Para atender às novas exigências e necessidades dessa sociedade da informação/conhecimento que se apresenta, é preciso pensar na lógica dessas informações de cunho histórico, político, científico, social e cultural.

O grande desafio dos museus na contemporaneidade é o de voltar-se para ações de formação de público, compondo estratégias junto aos visitantes principalmente às escolas para incentivar a frequência e oportunizar situações para futuros consumidores e apreciadores da cultura e da arte.

As instituições museais podem agregar valor ao local/território em que se encontram promovendo ações culturais atrativas aos moradores da região; que servirão para reflexão e capilarização de ideias. No aporte de Meneses (1994) todos os museus são históricos, é claro. Dito de outra forma, o museu tanto pode operar as dimensões de espaço quanto de tempo. No entanto, o tempo nunca poderá ser esquecido, essencialmente quando se procura contextualizar uma exposição.

Os museus promovem ações educativas não-formais oportunizando à população local reconhecer esse território como local de interação cultural e permanência da memória. O plano de trabalho do setor educativo dos museus oferece ações aos visitantes, em que esses experimentam a ambiência da expografia museal, interagem com as coleções museais e absorvem o objetivo, a essência da exposição na construção da história e na permanência da memória.

A relação museu-escola é importante para fazer com que os museus sejam redescobertos como espaços privilegiados de saber e de encontros sociais.

Na visão de Lopes (1991), não se trata, porém, de promover a “escolarização” do museu, mas de estudar a sua multiplicidade de papéis educativos que podem ser assimilados pelo espaço museológico.

Tanto as escolas quanto os museus constroem plano de transmissão do saber cultural representativo de uma determinada época. Para o desenvolvimento do processo de aprendizagem, o objeto museal tem papel importante, pois esse elemento é comum no museu e na escola, sendo o objeto construído na referência de aprendizagem. Em museus os objetos são fontes de memória, já na escola são instrumentos de pesquisa.

Canclini (1998) afirma que o museu e a política patrimonial tratam os objetos, os edifícios e os costumes de tal modo que, mais que exibi-los, tornam inteligíveis as relações entre eles, propõem hipóteses sobre o que significam.

A exposição motiva o visitante do museu a realizar uma interpretação do espaço, uma releitura, interpretando o fato apresentado e compreendendo as nuances do contexto histórico.

O conhecimento e a apropriação do saber ocorrem por intermédio de narrativas, conduzidas pela organização dos objetos. Ramos (2004) propõe a reconfiguração dos objetos a partir do contexto museal. Ao tornar-se peça de museu o objeto passa por uma reconfiguração de sentidos.

Ninguém vai a uma exposição de relógios antigos para saber as horas. Ao entrar no espaço expositivo, o objeto perde o seu valor de uso: a cadeira não serve de assento, assim como a arma de fogo abandona sua condição utilitária. Quando perdem suas funções originais, as vidas que tinham no mundo fora do museu, tais objetos passam a ter outros valores, regidos pelos mais variados interesses (RAMOS, 2004, p.19).

A educação constrói o futuro das pessoas e da sociedade, enquanto geradora de avanços e prosperidade da comunidade. Conforme Hannah Arendt (2011) é essencial a educação, numa perspectiva reflexiva da realidade e da participação comunitária:

A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-la de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (ARENDRT, 2011, p. 247).

Quando se observa a relação museu-escola na cooperação para a formação de público apreciador de cultura, pontua-se a gama de responsabilidade de cada uma das instituições. Em sua obra *O amor pela arte*, Bourdieu (2016) ressalta que os museus abrigam tesouros, que se encontram simultaneamente abertos a todos, embora fechados à população. Esse paradoxo aparece em todos os países pesquisados, demonstrando que a frequência aos museus aumenta de acordo com que se amplia o nível de instrução dos visitantes pesquisados.

Com a cooperação museu – escola há investimento na formação de futuros produtores e consumidores de cultura, pois hábitos e habilidades afloram na tenra idade, pois “uma criança satisfeita quer dizer uma família satisfeita; ela possivelmente será também um futuro adulto visitante, eventualmente, um pai/mãe amigo (a) dos museus” (IBRAM, 2014, p.43). Para reverter a insipiente visitação aos museus brasileiros há necessidade da formação ideal das equipes museais, com o número de profissionais/forma o adequado, adequa o de seus espaços físicos e aporte de recursos/investimentos financeiros.

## 4 | CONCLUSÕES

As mudanças do significado de museu através dos tempos talvez possam ser compreendidas como uma trajetória entre a abertura de cole es privadas   visita o pública ao surgimento dos museus na acep o moderna, como institui es a serviço do público.

  importante o papel dos museus na permanência do patrimônio cultural, e para tal a escola, com sua característica de educa o-formal deveria ter participa o crucial na sensibiliza o dos educandos para com o espaço museal. Os museus atraem os visitantes locais e os turistas por conterem parte da história local e por participarem por intermédio de sua expografia da constru o social, sendo instrumento essencial para a permanência cultura e da identidade local.

A rela o entre museus e desenvolvimento local   percebida por meio dos pilares basilares dos museus, que são a preserva o, a pesquisa e as diversas formas de comunica o com a sociedade.

As exposições oportunizam ao visitante, uma análise, uma leitura social e a percepção da relação da história contada pelos objetos com a história de vida de cada um, assim museus são espaços sociais que têm por funções básicas: promover a preservação dos bens culturais.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. A crise na educação. [Ensaio] In: ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O amor pela arte**. Porto Alegre: Zouk, 2016.

BRASIL. **Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. **D.O.U.** de 15.1.2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

CASTILHO, Maria Augusta de; FERREIRA, Rejane Platero. **O Museu das Culturas Dom Bosco**: desenvolvimento local na educação básica. Campo Grande: Gráfica Nacional, 2012.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

FERNANDES, Hélènemarie Dias. **A (re)territorialização do patrimônio cultural tombado do Porto Geral de Corumbá-MS no contexto do desenvolvimento Local**. 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2009.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil**: história oral de vida. Campinas: Papyrus, 1997.

FRANÇA, Thiago Madeira. Um olhar sobre o conceito de Memória de Michel Pêcheux. **Interletras**. Dourados, v. 4, Edição 22, outubro/2015 a março/2016. Disponível em: [http://www.unigran.br/interletras/ed\\_antiores/n22/artigos/17.pdf](http://www.unigran.br/interletras/ed_antiores/n22/artigos/17.pdf). Acesso em: 25 jul. 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 32.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HELLWIG, A. W. **Museu, memória e identidade pomerana**: uma correlação local. Pelotas: Fundação Simon Bolívar, 2008. Disponível em: <http://www.fundacaosimonbolivars.org.br/downloads/artigo5.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2009.

IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus. **Museus e turismo**: estratégias de Cooperação. Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus. Brasília: Ministério da Cultura, 2014.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Caderno de diretrizes museológicas**. 2.ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

LOPES, Maria Margaret. A favor da desescolarização dos museus. **Educação e Sociedade**, n. 40, p. 443-55, 1991.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Ser. v. 2 p. 9-42, jan./dez. 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v2n1/a02v2n1.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2017

NORONHA, Elisa. Museus de Arte Contemporânea: uma estratégia de abordagem. **Interartive: a Platform for Contemporary art and Thought**. 2010. Disponível em: <http://interartive.org/2010/01/museucontemporaneo>. Acesso em: 10 jun. 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discursos e museus: da memória ao esquecimento. **Entremeios: revista de estudos do discurso**, v. 9, jul., 2014. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br>. Acesso em: 24 jul. 2018

PADILHA, Renata Cardoso; CAFÉ, Lúgia; SILVA, Edna Lúcia da. O papel das instituições museológicas na sociedade da informação/conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, n. 2, p. 68-82, abr./jun., 2014.

PÊCHEUX, M. **O papel da memória**. São Paulo: Pontes, 2010.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. **A danação do objeto**. Chapecó: Argos, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem** - indagações sobre o século XX. São Paulo: Arx, 2002.

## ÍNDICE

### A

Aluno 19, 20, 22, 23, 25, 77, 92

Antropologia 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 68, 112

### B

Bem-Estar Docente 28, 29

### C

Comunidade 14, 16, 17, 18, 39, 43, 46, 72, 73, 90, 91, 94, 103, 106, 108, 109, 122, 125, 127, 128

Conhecimentos Artesanais 103, 106, 110

Conselho 13, 18, 67, 89, 122, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133

Conselho Escolar 13, 14, 15, 16, 17, 18

Currículo 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 114, 115, 118, 120

### D

Dança 48, 49, 50, 51, 52, 53

### E

Educação 13, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 37, 38, 39, 45, 46, 47, 51, 52, 53, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 94, 95, 96, 102, 103, 104, 105, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

Ensino Formal/Informal 48

Epistemologia Política 114, 115

Escola 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 29, 31, 32, 33, 35, 36, 42, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 77, 78, 84, 86, 87, 92, 93, 94, 107, 131, 132

Estado do Conhecimento 28, 29, 38

Estágio Supervisionado 13, 17, 18

### F

Feminismo 54, 55, 60, 61, 63, 64

Filosofia 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 54, 55

Formação Continuada 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27

Formação Docente 34, 65, 75

### G

Gênero 46, 54, 55, 57, 59, 60, 61, 62, 64, 66, 71, 124

Gestão Democrática 13, 14, 15, 16, 17, 18

### I

Imaginação 97, 98, 99, 100, 101, 102

Infância 25, 97, 98, 101, 102, 107, 108, 109

## **L**

Lei 10.639/2003 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

Leitura 52, 77, 78, 79, 83, 84, 85, 91, 92, 95, 98

Lutas 62, 66, 103, 104, 106, 109, 110, 124, 128, 129, 130, 132

## **M**

Mal-Estar Docente 26, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37

Memória 48, 49, 50, 52, 53, 74, 80, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 100, 106, 109, 110, 123

Movimentos Sociais Negros 122

Mulheres 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 106, 109, 111

Museu 29, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96

## **N**

Neuropsicopedagogia 19, 20, 22, 23, 24, 25, 27

## **O**

Objeto Museal 86, 91, 92, 93

## **P**

Participação Social 122, 124

Pedagogia 18, 19, 20, 22, 23, 24, 39, 42, 45, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 75, 77, 91, 95, 97, 103, 106, 107, 109, 110, 112

Pesquisa 15, 17, 18, 22, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 48, 51, 52, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 79, 82, 83, 84, 86, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 103, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 126, 129, 131, 132

Políticas Educacionais 114, 115, 116, 117, 119, 120

Professor 20, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 66, 69, 77, 87, 95, 102, 115, 118, 119, 120

Projeto de Intervenção 13, 15, 17

Psicopedagogia 19, 20, 22, 23, 24, 25, 27

## **Q**

Quilombolas 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133

## **R**

Representações Sociais 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85

## **S**

Sexismo 54

Stephen J. Ball 114, 115, 116, 120, 121



## T

Teoria Histórico-Cultural 97, 98, 102

Trabalho Docente 28, 30, 31, 38

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 